

O CAS NATAL ENQUANTO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO SURDO

Emiliana Oliveira de Lima ¹
Maria Aline Felipe do Nascimento ²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo reconhecer a contribuição do Centro Estadual de Capacitação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS Natal) no processo de construção identitária do surdo. Discutir a questão da construção da identidade surda do aluno que frequenta o Centro, perpassa pela compreensão da diferença social e cultural que se remete a esse lugar quando nos referimos à educação de surdos no RN. Nossa pesquisa é de cunho qualitativo. Como recurso de coleta de dados fizemos uso da entrevista semiestruturada, a aplicação da mesma com os participantes da pesquisa aconteceu de formas diferentes, com os surdos foi feita em língua de sinais e com os ouvintes de forma escrita. Nosso trabalho está ancorado em Hall (2005) e Perlin (1998) para tratar das questões de identidade surda, em Quadros (2009) sobre os estudos surdos para termos compreensão desse sujeito enquanto usuário de uma outra língua e pertencente a outra cultura e na Linguística Aplicada (LA) em Moita Lopes (2006) que trata o sujeito na sua singularidade com o objetivo de discutir problemas sociais. Como colaboradores da pesquisa temos: uma aluna, uma ex-aluna, uma mãe e com a coordenadora pedagógica. Por fim, a análise dos dados nos possibilitou compreender que a identidade surda está ligada à sua representação política e, principalmente, que não podemos afirmar a identidade dos sujeitos, pois essa pode modificar-se constantemente a partir da sua interação com meio.

Palavras-chave: Surdo. Identidade. CAS Natal.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, oliveira.emiliana@gmail.com;

² Graduado pelo Curso de Letras Libras da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, m.alinefelipe@gmail.com;

O Congresso Internacional de Educadores de Surdos, ocorrido em Milão, no ano de 1880, conhecido pela comunidade surda como “Congresso de Milão”, sendo um marco negativo, pois, nesse evento a educação de surdos sofreu um ataque ao ser negado os direitos linguísticos desses sujeitos e, por isso, desde então enfrentam diversas dificuldades em relação aos avanços sociais, culturais, educacionais e políticos. Na ocasião, foi feita uma votação para escolher qual seria o melhor método de ensino para alunos surdos, sendo oficialmente proibido o uso da língua de sinais, passando a valer o método oralista. É importante salientar que foi negado o direito ao voto aos professores surdos presentes.

A partir desse momento, percebe-se a desvalorização da cultura, da identidade e da língua própria dos sujeitos surdos, afetando diretamente suas conquistas sociais durante um longo período histórico. Visto que esses estavam sobre forte dominação do oralismo e, conseqüentemente privados de estabelecer relações sociais mais efetivas, sendo necessárias várias lutas políticas para conquistarem seu reconhecimento linguístico.

Nesse contexto, o principal artefato cultural do surdo são as leis criadas que reconhecem a Língua Brasileira de Sinais - Libras como língua. A principal delas é a Lei nº 10.436, sancionada em 24 de abril de 2002, onde temos a oficialização da Libras como meio de comunicação do sujeito surdo. Que lhe permite expressar suas ideias e emoções, se comunicar e interagir nos espaços em que essa língua permeia. Temos ainda o Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, que veio para regulamentar a lei e direcionar os pontos a serem cumpridos para garantir a implementação da Libras nos diversos ambientes escolares.

Porém, a língua de sinais ainda tem pouco tempo de reconhecimento, por isso, existem barreiras em vários locais públicos que deveriam garantir a acessibilidade comunicacional. A Libras ainda não chegou em todos os distintos lugares onde o sujeito surdo pode circular. Sendo assim, o acesso do surdo ainda está limitado somente aos locais em que a comunidade surda e o povo surdo estão centrado.

Outro agravante é que a maioria dos surdos nasce em famílias ouvintes, então o primeiro contato linguístico que esses sujeitos terão será com a língua portuguesa na sua modalidade oral, e para serem vistos como “normais” precisam aprender a falar, para isso eles são colocados em clínicas de reabilitação, por serem vistos como indivíduos incapazes simplesmente por não saberem a língua majoritária como os demais.

Dessa forma, o contato com a língua de sinais acontece tardiamente, atrasando assim o seu desenvolvimento linguístico e afetando sua interação social. Pois, o sujeito que não adquiriu nenhuma língua, ou tenha demorado a adquirir, apresenta um atraso na aquisição da linguagem, dificultando o estabelecimento de uma relação social mais efetiva. Nossa pesquisa

está ancorada na LA pois visa questão da subjetividade, considerar a heterogeneidade do outro que está sempre em processo de construção e trazer para o centro das discussões o sujeito marginalizado, sul para o sul como nos afirma Kleiman (2013).

Dessa forma, esta pesquisa está ancorada em Hall (2005) e Perlin (2003) para tratar das questões da identidade surda, nos estudos surdos para termos compreensão desse sujeito enquanto usuário de outra língua e pertencente a outra cultura e na Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2002;2006) que percebe o sujeito na sua singularidade com o objetivo de resolver problemas sociais.

Diante disso, tornou-se interessante tratar do CAS Natal enquanto ambiente que favorece a construção da identidade do surdo, pois acreditamos que ele seja relevante para as discussões da comunidade surda local. Para conseguirmos compreender como acontece o processo de construção identitária, é necessário saber como o surdo chega ao CAS Natal e o que encontra nesse ambiente que o faz modificar seu comportamento enquanto sujeito social, cultural e usuário de uma língua própria. Sendo importante conhecer de que forma as interações que ocorrem naquele ambiente, as formas de ensino e aprendizado, tudo que abarca no tempo e espaço que ele encontra no Centro, como é que isso influencia na formação identitária desse sujeito, fazendo-o perceber-se de forma diferente. Sobre essa visão de si, Perlin (2003) nos diz que “a língua de sinais é à saída da terra do exílio”. Sabendo que na maioria dos casos os surdos que nasceram em famílias ouvintes antes de estabelecer contato com outros surdos e aprender a língua de sinais é como se eles vivenciem esse exílio.

Assim sendo, o fato de no CAS ter em toda sua dinâmica a livre circulação da língua de sinais de maneira natural sem olhares críticos e desvalorizados, em que o aluno não é visto com inferioridade dentre os colegas, como acontece nas escolas regulares em que a língua prioritária é na modalidade oral. Assim, é pertinente o reconhecimento do quanto a língua interfere no contexto de formação identitária que o surdo constrói.

Sobre a importância da língua de sinais no reconhecimento do sujeito surdo é porque ela é o principal artefato cultural da comunidade surda, é aquilo que difere surdos e ouvintes. A língua é um fator determinante na construção da identidade surda, por isso, sabemos que a partir do momento em que o surdo tem contato com a língua de sinais ele começa a interagir com o meio em que o cerca, passando a modifica-lo e a modificar-se com ele. Sendo assim, ao chegar ao CAS Natal percebe-se que o surdo tem a oportunidade de ter contato com a identidade surda. Nesse momento ele tem a possibilidade de se reconhecer na identidade surda, pois nesse espaço circula a língua de sinais, os saberes surdos, sua experiência e assim ele pode construir sua identidade surda que é uma identidade mais política.

Com essa nova realidade, ele começa a reconhecer que as experiências vividas até o momento não o satisfaziam enquanto sujeito social, pois ele vem de um ambiente predominantemente ouvinte, mas que a interação social e a linguagem não eram construídas de forma tão eficaz, por isso, não tinha acesso a informações de forma clara e direta, mantendo-se sempre alheio as crenças e costumes.

Diante disso nos dispomos a analisar o contexto social que o CAS possibilita para que o surdo possa construir outras identidades.

METODOLOGIA

A presente pesquisa configura-se de cunho qualitativo, pois desenvolvemos nosso trabalho visando uma discussão reflexiva. Como recurso metodológico de coleta de dados fizemos uso da entrevista semiestruturada, a aplicação das mesmas com os participantes aconteceu de formas diferentes, com os surdos foi feita em língua de sinais e com os ouvintes de forma escrita.

DESENVOLVIMENTO

Propomos aqui situar nossos estudos a partir do entendimento de identidade trazido por Hall (1997), que nos apresenta três concepções: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Hall nos diz que a identidade está sempre sendo modificada, por isso, escolhemos seu conceito sobre sujeito sociológico para discutir sobre a construção identitária do aluno surdo no CAS.

Para discutirmos a construção da identidade do surdo vamos nos deter a concepção do sujeito sociológico, pois consideramos a sua subjetividade, a visão de mundo, os seus desejos, e sua interação social que se dá a partir das suas vivências e sua linguagem. Dessa forma, nos alinhamos com Sá (2002), pois ela nos diz que esse sujeito vai se construindo com o tempo, ele é inacabado, fechado e ele sempre se constitui em contato com o outro.

Em relação ao sujeito surdo, partimos da visão de que esse se constitui a partir das vivências estabelecidas nos diversos espaços que frequenta. As narrativas dos surdos nos mostram que eles se relacionam direta ou indiretamente com ouvintes ao mesmo tempo em que se relacionam com outros surdos. Porém, não sabemos se essas relações com os ouvintes

são estabelecidas de forma efetiva ou não, dependendo do conhecimento linguístico da língua de sinais que essas pessoas possuam.

De tal forma, percebe-se o quanto a questão da comunicação é relevante, pois somente por meio dela é possível se estabelecer uma troca de experiências culturais, emocionais, sociais. Assim, a linguagem interfere de maneira direta na construção da identidade, por isso, concordamos com Sá (2002, p. 105), quando ela diz que “mesmo considerando que o aspecto linguístico não é o único, nem o principal aspecto na construção da(s) identidade(s) dos surdos, friso que a identidade de um indivíduo se constrói na e através da língua”.

No que se refere a identidade do sujeito surdo, Perlin (2013) nos apresenta cinco conceitos de identidades surdas. Ela começa caracterizando o grupo que se identifica com a identidade surda, essa é constituída pelos sujeitos cuja as experiências acontecem de forma visual, fazendo uso da comunicação visual por meio dos sinais que o afirma ainda mais como sujeito Surdo, transmitindo e reafirmando ela de geração em geração. Estão sempre juntos em militância centrados nos surdos.

A segunda é a identidade híbrida, aqui o sujeito nasceu ouvinte e perde a audição, obtendo assim a primeira língua a oral, e a segunda a língua de sinais, e apesar disso se identifica com a comunicação visual, pois necessita dos sinais para a interação. Ela nos apresenta uma conceituação simples, refletindo que ao “Nascer ouvinte e posteriormente ser surdo é ter sempre duas línguas, mas a sua identidade vai ao encontro das identidades surdas”. (Perlin, 2013, p. 64). Percebendo que o surdo mesmo possuindo duas línguas identifica-se mais com a Libras.

A terceira é a de transição, cujo os pais são ouvintes e ele cresce com essa experiência de ouvinte, que é o caso da maioria dos surdos, sujeitos que se narram obrigatoriamente como ouvintes e depois conhecem a comunidade surda e desenvolve sua experiência de maneira visual, adquirindo posteriormente a língua de sinais. A quarta é a identidade surda incompleta, nesta o sujeito surdo não se sente completo dentro da sociedade surda, sempre achando necessário se sentir compatível com a cultura dominante. A quinta identidade flutuante existe a negação da cultura surda, não participa dos movimentos, seguindo sempre os discursos ouvintistas.

As reflexões sobre a temática apontam o quanto é mais fácil para o surdo se reconhecer com seus pares, justamente pelo fato de comungarem da mesma língua, isso repercute nos demais fatores que influenciam a construção da identidade do sujeito.

Sobre as reflexões apontadas à luz da Linguística Aplicada, compartilhamos das ideias de Moita Lopes (2002) quando ele discute a questão da construção da identidade a partir das

relações sociais que o sujeito estabelece. Sobre estas relações ele nos diz que as investigações sobre essas precisam estar centradas no contexto social onde as pessoas vivem e agem, para assim compreender as mudanças relacionadas à vida sociocultural, política e história. (MOITA LOPES, 2006).

As discussões de Hall nos ajudam a entender que esse sujeito surdo ele também se constitui por meio da linguagem, no contato com o outro, o que se alinha nas discussões Backtinianas e dos estudos surdos, porque ele é um outro centro de valor, não é mais aquele que tem que ser moldado pelo ouvinte, ele se permite a ser quem ele é, a se reconhecer como surdo e se posicionar politicamente. Quando Backtin fala sobre linguagem ele mostra um sujeito que se coloca no mundo, que responde ao mundo, que tem uma visão crítica sobre o mundo não vendo mais a surdez como marca negativa.

A partir do momento que te um atraso na aquisição da língua de sinais, ele acaba não apropriando de uma língua com toda sua complexidade, em sua totalidade, inevitavelmente, ele ficará com algumas lacunas no seu processo de formação. O que vai impactar a sua interação na sociedade.

Nossa pesquisa está ancorada na LA, pois visa a questão da subjetividade, de considerar a heterogeneidade do outro que está sempre em processo de construção e ainda por trazer para o centro das discussões aquele que estava marginalizado, trazendo-o do “Sul para o Sul” (Kleiman, 2013, p. 45) Não é mais do Norte, não é mais o ouvintismo dizendo ao surdo quem ele é e como ele deve se comportar, quais caminhos ele deve seguir para atingir o padrão ouvinte. Não, nos trazendo do “Sul para o Sul” para escutar aquilo que o surdo tem a dizer e a partir daí discutiremos essa construção identitária.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para que possamos realizar uma reflexão sobre a construção identitária do sujeito surdo no CAS Natal, partimos das inquietações de uma professora e uma intérprete de Libras. Para isso, ambas analisaram o relato de uma aluna, uma ex-aluna, uma professora surda, uma mãe e a coordenadora pedagógica. Pois percebemos que essa instituição possui importante papel social nesse processo e também na formação social do surdo.

A coleta de dados aconteceu a partir de uma entrevista semiestruturada feita com os participantes da pesquisa, com as alunas e professora surda realizamos em língua de sinais e depois fizemos as traduções e transcrições. Com as ouvintes fizemos de forma escrita, e ao final analisamos todos os dados. Dessa forma, nossa pesquisa é de cunho qualitativo.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Iniciamos nossa análise pelas alunas surdas, pois por serem o sujeito em questão, neste trabalho elas encontram-se em lugar de destaque.

A primeira aluna inicia sua fala enfatizando o seu reconhecimento da sua identidade surda. Ela nos revela “eu me reconheço surda, sim! Mas minha família não usa língua de sinais, sempre oraliza e só sabem gestos. Com 5 anos quando minha mãe falava comigo eu não entendia nada, eu só ficava olhando”. O relato feito pela aluna sobre a sua convivência familiar, demonstra o quanto é difícil para ela relacionar-se nesse ambiente que é prioritariamente ouvinte. Desde cedo ela precisou se esforçar para conseguir comunicar-se com seus familiares e, para tal, foi necessário aprender a oralizar e fazer leitura labial. O que não difere em nada do que ela encontrou no ambiente escolar, pois sendo a única surda encontrava-se sempre isolada. Somente no CAS ela encontra um ambiente que lhe permite comunicar-se naturalmente em Libras e, por isso, ela nos diz que “aqui no CAS eu me sinto bem, aprendo e tenho contato com outros surdos”.

Em sua narrativa percebemos que o CAS é o lugar que lhe tira da privação comunicativa dando o suporte linguístico necessário à construção da sua identidade surda. Assim, concordamos com Skliar ao refletir que “a transição da identidade ocorre no encontro com o semelhante, em que se organizam novos ambientes discursivos. É o encontro surdo/surdo”. (Skliar, 1999, p. 11).

O segundo relato analisado é o da ex-aluna no qual percebemos que a diferença no ambiente onde o sujeito se identifica com o outro igual, em que é possível estabelecer comunicação e interagir com todos os outros circulantes do espaço. Sem o incômodo de ser diferente, sempre precisando fazer um esforço para compreender o falar do outro, em meras tentativas de entender e ser entendido, pois nesse local ele se reconhecendo com seus pares linguísticos. Ela encontra esse ambiente no centro, no qual “eu aprendi a Libras e o português escrito, pois o ensino não se detinha a língua de sinais, eles também me mostraram os significados das palavras. Eu amo o CAS, me identifico muito com o ambiente. O CAS é maravilhoso! Lá eu interagia com meus colegas, lá a gente discutia como será o nosso futuro, se vamos trabalhar, entrar na UFRN e, assim, eu descobri que tenho muitas possibilidades. Com o incentivo consegui passar na prova do IFRN, mas sinto muita saudade do CAS e da interação e aprendizagem efetiva que tinha lá”. Sobre sua narrativa Skliar (2013) nos faz refletir que “aquilo no momento do meu encontro com os outros surdos que era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria, aquilo que identificava eles identificava a mim também e fazia ser eu mesmo, igual”.

Nossa terceira colaboradora é a mãe de um aluno surdo que colaborou com a pesquisa no relata que “o CAS é de extrema importância na vida dele, é tanto que é o único lugar que ele vem feliz, porque é onde ele se sente no mundo dele”. Ela apresenta um significado relevante da instituição na vida do seu filho, porém, no decorrer da sua fala percebemos a marca ouvintista, pois ela diz que “tem horas que eu vejo que ele não queria ser surdo, porque, às vezes, ele fala comigo sem usar a língua de sinais, quer oralizar, mas não consegue, e mesmo assim ele insiste em querer falar. Em casa só comigo a comunicação é em Libras, no pouco que eu sei. Com o pai é mais gestos”. É como se ela não percebesse que o desejo real dele é poder comunicar-se com seus familiares de forma efetiva como acontece no centro. Pois, toda a sua fala se remete ao quanto o seu filho se sente bem por se comunicar por meio da língua de sinais, mas se contradiz no momento que expressa o uso da oralização forçada, demonstrando a falta de compreensão no que o filho está tentando passar pra ela, que não é uma marca negativa dele, mas dela em relação e ele, onde ele é incompreendido, e ela pensa que é uma tentativa dele de querer se narrar ouvinte. Notadamente sua fala está alinhada a “um exame do imaginário ouvinte está exclusivamente baseado numa consciência soberana, segundo uma lógica detalhada pela realidade empírica. É uma acomodação diante do eu superior”. (Skliar, 2013, p. 62).

Por fim, temos a coordenadora que participou da pesquisa, durante a sua entrevista afirmou que o aluno surdo ainda não demonstra ter a sua identidade surda formada, bem como, ainda nem se reconhece como surdo. Conforme podemos perceber no trecho a seguir “quando um aluno surdo chega ao CAS pela primeira vez, ele ainda não está com a sua identidade formada de quem na verdade ele é, ele não se reconhece ainda como um sujeito surdo”. Percebemos em sua fala que ela acredita que eles ainda não tenham a identidade formada pelo fato da maioria dos surdos virem de famílias ouvintes. Porém, sabemos que ele não é necessariamente um sujeito sem identidade, pois como nos diz Hall (2005) “o sujeito assume identidade diferentes em diferentes momentos”. Além disso é pertinente considerar que “o sujeito como efeito da linguagem, com identidades móveis, plurais e em constante construção”. (Sá, 2002, p. 96). Então, somente após estabelecer contato com outros surdos e apreender a língua de sinais ele poderá reconstruir-se enquanto sujeito surdo participe de uma comunidade e cultura.

Sobre a relação dos surdos no CAS, ela afirma que lá esse sujeito tem uma vivência diferente da que encontra em casa, pois “evidentemente neste contexto vão se encontrar outras formas diferentes de ser o outro, formas diferentes da leitura do ser o outro surdo” (Perlin, 2003, p. 66). Principalmente porque a comunicação acontece naturalmente em língua de

sinais, bem distinto do ambiente predominantemente ouvinte que requer que ele aprenda a fazer leitura labial e oralizar para conseguir relacionar-se. Consideramos esses aspectos linguísticos como reflexos negativos da não utilização da língua de sinais em todos os contextos sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com essa pesquisa pudemos compreender que as relações sociais acontecem por meio da linguagem e que, por isso, entendemos que o sujeito que considera que a sua identidade é surda como aquele que além de se reconhecer como tal, se posiciona politicamente nas lutas pertinentes à comunidade surda.

Após analisar o relato das duas alunas acreditamos ser pertinente ressaltar o quanto o apoio familiar é importante não só para a construção identitária, como também nas conquistas desse sujeito surdo. Por ser esse o primeiro vínculo que ele estabelece, as primeiras relações serão modelo para as que vem a se seguir. Acreditamos que um ambiente que proporcione uma educação efetiva no contexto familiar dá subsídio ao surdo para outras oportunidades, pois as duas alunas conseguiram passar no exame de seleção do IFRN, porém, somente uma aluna permaneceu, a outra desistiu por mais, uma vez, sentir-se isolada em um ambiente majoritariamente ouvinte.

Diferentemente dessa realidade, o CAS é uma instituição que enquanto ambiente social tem a língua de sinais como principal meio de comunicação em todas as atividades desenvolvidas e, por isso, é possível compreender a identificação demonstrada pelos surdos pesquisados, pois todos relatam que se sentem bem nesse ambiente. Pois, lá ele tem o encontro surdo/surdo e com os artefatos culturais que norteiam o desenvolvimento de sua identidade. O mais relevante da pesquisa é não taxar que o sujeito tem ou não uma identidade, mas que ela sempre está em construção, dependendo do meio em que ele vive.

Dessa forma, percebemos em nossas pesquisas o quanto a linguagem interfere na formação identitária do surdo, visto que somente por meio da comunicação social ele consegue interagir com o outro e constitui-se enquanto sujeito crítico, político, ético. Mas, entendemos que de alguma forma ele irá apresentar uma identidade, mesmo que essa esteja sempre em processo de (re)construção.

REFERÊNCIAS

BAKTHIN, M. Estética da criação verbal. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1951/1953].

BRASIL. Decreto nº 5626. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Lei nº 10.436, 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOITA-LOPES, L. P. Identidades fragmentadas. A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA-LOPES, L. P. Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). Por uma linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PERLIN, G. T. T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

PERLIN, G. O ser e o estar sendo surdo: alteridade, diferença e identidade. 2003. 152 p. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. Cultura, Poder e Educação de Surdos. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.